

Abel Matos



# CRÔNICA

de uma cidade  
santificada

O objetivo desta pequena crônica é mostrar a busca da redenção pelas pessoas de uma cidade. E em como ao se tentar garantir ou buscar o céu, podemos produzir coisas bem diferentes. Porém, mais ainda, e esta não é a primeira vez, diante do nosso grande medo, ignorância, sentimento de culpa e desespero, ficamos profundamente à mercê de sermos enganados por falsos religiosos. Ou seja, aqueles que dizem e se colocam que nos transmitem a mensagem divina, embora tenham por fim não a obediência do crente a Deus, mas tão somente a eles mesmos.

Numa época de tantos mais caminhos e descaminhos, este pequeno texto nega-se a inventar ou indicar uma nova vereda. Antes e tudo, tem o objetivo de dizer, certamente um pouquinho sobre a nossa condição e momento. Porém, deixando cada leitor por si descobrir o que a palavra transporta.



Abel Matos é professor de Gramática e Literatura em escolas públicas estaduais da cidade do Rio de Janeiro. Publicou, em 2004, "Outras Cadeias a Cadeia - Mergulho e Aprendizado em Bangu III". Capixaba de Colatina, desde 26 de abril de 1950.

Abel Matos

**Crônica** de  
**uma**  
**CIDADE SANTIFICADA**



**Rio de Janeiro**  
**Direitos Registrados**

**Para a nobreza da alma  
que, apesar, tudo sacrifica.**

**Quem vê, acredita porque vê.  
Quem não vê, não acredita porque não vê.**

**Da multidão.**





## ÍNDICE

Prefácio.....	06
A Origem (Santa Maria, Pequenos Rituais e O Templo) .....	07
Semeadores.....	12
Dificuldades.....	16
Posição.....	19
As Igrejas Nascendo.....	21
Primeiras Idéias de Deus, do Céu e do Inferno.....	24
O Lugar do Poder.....	27
Eu e a Letra.....	29
Natureza Religiosa.....	31
Luta Secreta.....	34
Humildade.....	37
Intolerância.....	39
Manhã, Tarde e Noite.....	41
Cristianismo e Salvação.....	44
Mil Caminhos.....	46
Lar Cristão.....	48
Propaganda do Céu.....	52
Pequeno Pensamento Teológico-Político.....	55
Culpa e Desespero.....	56
A Bengala Sagrada (ou a Letra dos Homens).....	59
Terra Prometida e Outras Terras.....	63
De Deus.....	65
Religião e Revolta.....	71
A Comunhão.....	75
Último Retorno.....	79
Posfácio.....	81

## PREFÁCIO

Isto não é história das religiões, nem tampouco sobre uma delas. Pequeno retrato sobre momentos e coisas, a partir do crescimento e educação de um menino dentro do templo, aos poucos mostra as mudanças dos gestos e da própria geografia da cidade vivida. E em como os poderes espirituais e temporais vão surgindo e as nossas relações com eles.

---

Nos últimos tempos, está acontecendo uma expansão veloz de religiosidade. Cada vez mais, milhares de fiéis são ganhos para Cristo. Integrante desta realidade humana, a invasão do sagrado sobre as coisas profanas é abruptamente notável. O antes satânico, que a mão dos eleitos santifica, vira magicamente o divino. Um aumento infinito do mundo de Deus.

O Autor

## A ORIGEM

### Santa Maria

Nasci nesta cidade. Bem no alto do morro, na casa rosa. Cheia de gatos e aranhas. Mamãe me teve na casa de saúde, mas foi aqui, com meus doze irmãos e irmãs, que comecei a andar no mundo e a me ver. O rio passa por tudo, com sua largura imensa e enchentes. Eu durmo pensando nele.

O povoado antigo, parece que começou lá embaixo, na direção da correnteza, fora do centro. A cidade velha. Nos dias, vieram subindo o rio. Hoje quem vive é a nova.

## Pequenos Rituais

Cresci dentro da igreja. Todos os domingos, sem nunca falhar, nos arrumávamos jeitosos, na melhor roupa para Deus, e saíamos em grupo pela única rua abaixo. Eu olhava os vidros de doces, sobre os balcões no caminho. As calçadas eram longas, no meu pisar de menino. Alguém me pegava na mão. Eu, já sabendo, obedecia.

À noite tinha igreja de novo. Nosso pai iluminava o caminho, com sua lanterna de ver, guiando nossos passos no chão. Do alto, eu admirava a cidade, a claridade da água no rio e os faróis lá na ponte, que invadiam meu ser tão pequeno. Distraído, eu contava os postes das luzes na rua, em gestos de ter e somar. No culto, a melancolia cantada, deixava o corpo mais triste. Assim eu dormitava cansado, naquele banco tão duro. E o coro me acordava feliz, na melodia dos hinos, que pareciam do céu. Levado naqueles sons do ouvido, eu me escondia sozinho, pensava na minha mãe. O coração embalava.

Nos dias festivos e de muita glória, nossas mãozinhas doavam mais. Moedas e notas caíam na sacola vermelha, passada de mão em mão. As almas assim queriam. Corinhos e hinos, saídos de boquinhas tão pequenas, elevavam os gestos miúdos. Adorar é ofertar o melhor. Aos poucos o ritual ascendia. Antes, porém

marcado pelo que se almejava obter. Pois para dispor o dinheiro, necessário previamente avisar. A meta ao estar sempre além, só fica alcançável na fé. Deus não desampara o sofrido. No rito, corpinhos regozijavam, ninados na comunhão da igreja. A graça de estar ali e viver, nos transportava bem alto. Precisamos subir e vencer.

## O Templo

Na rua do trem, perto do cine Alhambra, o prédio alto e azul-claro nos recebia aos domingos. Crianças, corríamos por seus espaços e portas, tentando esconder e brincar. Nas horas de orarmos a Deus, irmãos mansamente chegavam, na busca da comunhão do Senhor. Na porta da entrada, duas escadas internas, à direita e à esquerda, na posição de quem entra, nos levava ao andar superior, no átrio do salão principal. Nele, bancos escuros amparavam o cansaço de quem sentava. Ao fundo, depois da altura do púlpito, o batistério de Cristo. A água estava ali. Com paredes brancas e simples, janelas enormes clareavam por dentro. Nenhum quadro ou escrita havia, algo que dissesse Deus. Talvez nossa fala bastasse. Apenas no tanque bem cheio, parece como saindo da água, um caminho florido subia. Mas visto por poucos momentos, na dança do batismo e da festa, no regozijo ao Senhor.

Subindo uma escada pequena, no átrio do grande salão, chegava-se a um outro menor, com os mesmos tipos de bancos, onde eu via tudo por dentro mais longe e melhor. Estava bem perto do teto. Este lugar nunca encheu de pessoas, que eu imaginava só do coro cantar, por ser separado e em cima. Embora no culto, ele louvasse embaixo, ao lado direito do púlpito, em arrumação diferente.

Na entrada da frente, no térreo, um corredor interno e central, na direção dos fundos, tinha portas de salas de aula. Nestas, matriculados nas classes de estudo, aprendíamos atenciosos no domingo, a lição da revista e de Deus. Bem lá atrás, depois das salas, um pátio, ocupando todos os lados interiores do prédio, servia aos ensaios dos cantores e havia os banheiros. Onde, criança, na escuridão da noite eu não gostava de ir, com medo daquele silêncio e dos bichos.



## SEMEADORES

Apareceram aos poucos na cidade. Ou bem menos lento do que eu penso, pois sou vagaroso no enxergar. Antes, é certo que não os tínhamos. As ruas mensageiras trouxeram aos milhares. Tímidos, surgiram alguns, saturados de apelos depois. Hoje, encontrá-los num lugar qualquer deixou de ter um impacto, o impacto pagão. Vistos no ônibus da volta do trabalho cansado, ou no aperto deste trem exalando exaustão e vontade de chegar, ouve-se o grito que vem, de que Jesus voltará. E nós estamos todos perdidos. Tão vários são os gestos e as bocas, cada qual com um céu que Deus lhe deu. Oferecem e apregoam. Que muitos não querem me ouvir. A hora ainda não é chegada. E aqui nesta praça, mesmo a intempérie hostil de um sol quente abrasador, mais a ausência injusta da multidão que sempre passa, não apagam o meu fogo, o Fogo da Chama Sagrada. Estou na surdez deste mundo. O homem não busca a Deus. Mas Cristo foi o céu preparar.

Ávidos de falar, invadem os becos e as praças, como uma leva que chega de longe e aos poucos ficou. Mas antes já estavam aqui. Houve um brotamento de vontade e ação. E muitos os que não eram, num momento preciso a salvação transformou. O verdadeiro milagre, como da água ao vinho. A cidade então clamava. Mil vozes assim se levantaram e apregoam o Senhor. Não têm horas para chegar ou dizer. Qualquer lugar é o campo. Pois urge semear e orar. A hora já é chegada. O tempo não espera ninguém. A decisão pela vida. A multidão ocupada passa no apertado do túnel e a mulher grita alto em Jesus. Sua voz incansável e rouca, acompanhada de gestos desesperadores de aflição, busca a salvação deste mundo. O ouvido não quer lhe ouvir. Mas é preciso chamar.

Antes, irmos à igreja acontecia uma marca diferenciadora. Éramos chamados de “crentes” ou jocosamente de “bíblias”. Na escola, quando ainda criança, eu ouvia o nome “aleluia”. Sabia também, como continua nos dias atuais, que o livro preto, embaixo do braço ou na mão, diz quem somos nós. Porém, o jeito de se vestir, os horários de circulação nas ruas e, principalmente o andar em grupos, familiares ou não, é o grande rótulo religioso visível. Hoje, genericamente chamados de “evangélicos” ou “cristãos”.

No testemunho da devoção, as marcações sutis ou de aparecer leve falam e muito. São modos e ações que, num determinado momento ou pequeno espaço de relações, comunicam ao outro sem pronunciar, na realidade do gesto, quem se é. Mas, com as roupas num certo descompasso de corte e cores, há também figuras de homens diferentes e alteradamente evidentes. São gravatas bem coloridas, mais paletós e sapatos descombinando, na obrigação e na vontade do trajar. E vários deles, em nosso tropical de país, só usam calças compridas e camisas sociais, mesmo estando com chinelos de dedo, que são um signo imediato de origem, preconceito social e pobreza.

Tanto quanto os homens, as mulheres evangélicas são arrebatadoras no vestir-se. Algumas presenças femininas impõem beleza nas roupas, com um prazeroso e sincero erotismo, talvez graça cristã. Outras, em longos vestidos retos de mangas compridas, fazem-se vistas à grande distância. E juntas ao povo em geral, nunca são mistura. Nestas, de longos, a qualidade e as cores do pano as situam no mundo. O adorno é o nosso domínio de ser.

A cidade então está cheia. Doutores, missionários e obreiros falam e gritam. Homens das muitas e várias igrejas. Empurram sua fé do sagrado que acreditam possuir e, no qual, são o testamento divino. Abrem a

Bíblia e apregoam, imbuídos da Palavra do Espírito Santo de Deus. Pouquíssimos são os humildes. A grande maioria é possuidora de um jeito diferenciado de ser antecipado, como lhe outorgando separação dos demais. Nós somos os escolhidos. A ostentação de poder toma a forma desenfreada da higiene. Não estou neste mundo. O receio de se sujar produz intolerância para com o outro, seu igual. Eu só preciso de Cristo. Satanás pode estar perto. Homem santo, meu passado se foi. Falo em nome do Ser que me criou. Você não me ouve e morrerá. Está escrito no Livro da Vida. O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar.

## DIFICULDADES

Estou tendo grandes angústias em contar. Proibições adquiridas e há muito internalizadas, que são pedaços de mim, impedem pensar. O tabu em não se poder tocar nas coisas sagradas, com intenções alheias, pode ser a morte de quem o faz. A educação religiosa e social severas que tive, fizeram formar em meu crescimento e vida adulta um excessivo medo de transgredir e, muitas vezes, até viver. Os sentimentos não saem. Assim, grandes dúvidas e incompreensões habitam meus gestos. Me confesso em desamparo. Intensos e longos desatinos modificaram o andar. Mas ainda criança, eu já determinara que não haveria de perder-me. Meu ouvido seria só meu.

Escrevo por um ato de fé. Falando daquilo que vejo e penso. Neste assunto, tudo às vezes é tão polêmico e tenso. Não ultrapassarei o alcance do meu olhar. Saberei o limite. Por isto grandes coisas faltarão. Mas outros se lembrarão. Meu coração agradece.

Preparo agora o leitor para as minhas tantas dificuldades. Falar de religião não é algo simples e externo. Ela é o nosso monolítico tabu e do qual não se pode nem tampouco duvidar das pequenas coisas ao seu redor, que são guardadas e manietadas também a sete chaves. Incorrerei, com certeza, em erros grandiosos, como partes integrantes e sinceras de mim. Contar o pecado, mais que dificultoso é cruel para quem o faz. Devo revirar o meu eu, ser traidor, armando ciladas, para assim, descobrir um pouco daquilo que sou. Somos formados por camadas superpostas, a última é sempre a verdadeira e única. Mas as outras, anteriores, nunca estão mortas, latejam continuamente, permanecendo pulsantes. Dizer o pecado é dizer o escondido, como remexer um amontoado de materiais que não se pode e não se quer ver. Agora, eu só tenho a letra e me busco por ela, tentando contar de mim. Meu silêncio necessita gritar. O pecado é parte do religioso, sem ele nossa santidade seria vã, não existiria.

Ir à igreja. Ir à igreja. Eu menino tentava dizer, mas isto não podia pensar. Vontade de ficar em casa e brincar, fazer qualquer coisa que fosse, menos louvar ao Senhor. Nosso pai nos obrigava a ir. Arrastado e infeliz, eu comparecia empurrado. Lá, a pregação muito longa do pastor me cansava, quase nada eu entendia, esquecendo tudo depois. No barulho e no ataque daquela voz, meu imaginário fugia. Pensava no mundo de fora. Sentindo o

sofrimento do ter que escutar, aprendi a perceber a proximidade do fim.

Na escola dominical, nas manhãs domingueiras, as lições das revistas foram me cansando aos poucos. As repetições e as mesmices dos hinos despertaram o silêncio. O desinteresse chegou. Distraído, eu olhava o visual das janelas, a rua era sempre melhor. Meu coração de criança só palpitava o amém, mas a lição demorava. Parecia que não era Deus.

## POSIÇÃO

Meu espírito está revoltado. Talvez por dizer estas linhas. Algo já saiu desconexo e eu não entendo o sim. A letra me domina, nunca sei o que será. Fico dias sem fim, tentando o melhor. Demoro a encontrar o ponto certo e o momento. A geografia desacerta e a figura procurada se esconde. Tudo agora incomoda. Penso em parar e dou voltas ao meu redor. Certamente me engano. Ainda não situei o desejo. Vou aos poucos rascunhando. Peço ajuda ao nosso Deus, no caminho desta pequena e pobre sina. A intenção é a força, com certeza há anos guardada, escondida. O inconsciente me trai, mas isto é próprio dele. Não devo sentir ofensa, até na incapacidade mais plena. Viver foi o modo de tentar. Agora já um pouco eu digo. Muito serei fiel e isto tanto me basta. Mexo no que está quieto e segue, na ebulição do em existir. Talvez seja pior que deixar.

Não sou teólogo, menos ainda um estudioso de doutrinas. Como já mencionei, nasci dentro de igreja evangélica. Neste espaço, várias coisas maltrataram e



perturbam minha vida. Observo também, que pessoas religiosas têm vontade de dizer opiniões contrárias sobre realidades proibidas, sofrendo e permanecendo no silêncio. Ainda mais, há os que não professam específica religião e, no entanto, possuem pontos verdadeiros a criticar. Não o fazendo, pelo sentimento da falta de autoridade ou por causa do tabu. Assim, os de dentro estão no interdito e os de fora não são de casa para falar. É a grande guarda de Deus.

## AS IGREJAS NASCENDO

Antes, havia poucas, o normal que uma cidade deveria de ter. O bastante para a vontade das almas. Depois foram surgindo. De umas brotaram outras e mais outras, algumas do nada. Tudo então não mais cessou. Qualquer pequena sala se basta, a ser a Igreja de Cristo, necessitando cadeiras e só. Os usos de lojas, cinemas e casas se abriram. As coisas mudando. A religiosidade agora avança, penetra e fica, resgata e transforma. O mundo virou.

As noites são mais visíveis. Ando aos poucos e procuro ver por onde eu passar. Nos domingos noturnos, as horas finais do prazer e do cansaço exalam um ritmo vagaroso de quem necessita parar. O dia também descansa. Ouço louvores e me sinto ainda como se não houvesse saído da distante infância. Caminho por ruas ricas e pobres. Nelas, cada vez mais, o aparecimento de igrejas novas atrai a curiosidade do saber como adoram, e a descoberta possível de um novo nome. Todas estão para honra e glória. Cada qual na diferença verdadeira e

sagrada do seu ritual, em comunhão salvadora. O primeiro raiar da semana, que também pode ser o último, está consagrado ao Senhor. A boca domingueira, matinal e noturna, vibra e canta, minha voz necessita de Deus.

Leio nomes, sobrenomes, sobrenomes e entrenomes, numa aura apocalíptica final de que Cristo está voltando. A diversidade dos santuários de escolha se enriquece, cada vez mais. E não tenha o perdido a reclamar aos ouvidos de Deus, procurou, procurou, e não encontrou Jesus. Igrejinhas pequenas, pequenas, pequenas, cinco membros talvez. Uma criancinha de colo. Vidas convertidas, com humildade e fé, a comunhão da certeza. Outras, catedrais grandiosas, dominadoras potentes, na multidão dos fiéis, que arrebatam e encantam. Brotam-se centros de poderes, divinais e terrenos, tudo podendo e sendo, conforme as vontades de Deus, emanadas dos homens santos que as dirigem. Tudo não está perdido. A bênção enriquece e salva.

Casas de adoração surgem e surgem, em pontos inesperados e repentinos. Horários de milagres e tipos de rituais ostentam a salvação e o convite. Pare de sofrer. A extensão grandiosa de alguns nomes pode traduzir imprecisão. Outros títulos, em palavras poucas e simples, designam bem aquele espaço de Deus. As leituras agora aumentam. Assim, os modos de como se chegar à vida eterna, a realidade social do grupo, até o modelo visual do

templo, fazem a diferença do crente. A comunhão também se divide, no evangelho infinito cristão.

Ouviu-se algum alarido com barulho, no impacto do início. A convocação e o atendimento das multidões famintas aos chamados de Jeová, provocou remelexo e espanto. O povo precisava do céu. Mas mudar o curso da direção da massa, podia ser perigoso e ruim. Centros de poder aumentaram a vigia e a atenção. O que eles desejam? E para onde irão? Encontros celestiais programados e dantescos iniciaram o novo destino. Orar e jejuar, cantar e ouvir a Palavra, tornou-se nossa saída possível. O mundo está no final e nos mata, a salvação é Jesus. Arrebanhou-se pessoas e dinheiros para o sustento e a obra. A seara é a glória de Deus.

## PRIMEIRAS IDÉIAS DE DEUS, DO CÉU E DO INFERNO

Eu e meus irmãos cometíamos gostosos pecados cúmplices. Aos domingos à tarde, escondidos da guarda materna e paterna, freqüentávamos aquele local proibido pelo papai e por Deus. Precavidos e tensos, nossos pés venciam a barreira da ordem, nos levando ao prazer. Todo cuidado era pouco, da janela de casa poderiam nos ver. Na trama fraternal, um vigiava o perigo, enquanto o restante fazia. A ação então se formava. Meio abaixados e protegidos por pequena mureta junto à porta, ganhávamos felizes o interior do centro espírita.

Grupos de crianças cantavam e recitavam para nós, sobre o palco lá na frente. Alguém adulto, geralmente uma mulher, falava da caridade, de Deus e dos homens. A solenidade melhor do culto, em relação à minha igreja, mais a quebra da rotina, me tornavam prestativo e assimilador. A sensação diferente eu guardava. Tudo não demorava muito, talvez por gostoso que era. Minha boca de menino, silenciosa e alegre, agradecia.

À saída, na porta do templo, duas pessoas com enormes sacos cheios de balas, enchiam nossas delicadas mãos desejosas por aquelas porções de açúcar. Na fila comprida, eu não via a hora de chegar a nossa vez. Ainda mais, tinha o risco da descoberta da arte, da janela da sala mamãe poderia nos ver. O céu está bem perto de mim ou o inferno do dia. Minha irmã vigiava o perigo. Eu, na espera da vez, ansioso e contente, olhava o doce chegando e o sinal da sentinela acertado, pode vir que não tem ninguém. Depois, na rua, risonhos e distraídos, contávamos o monte recebido para ver quem ganhara mais. A quantidade fazia o prêmio, no pequeno paraíso do ser. Assim, naqueles tempos miúdos, nossas vidinhas crianças não haviam compreendido ainda, a infinitude futura que o mundo inteiro espera.

Certa noite, ao voltarmos da igreja no domingo, algo na rua me pareceu enorme e indefinível. Estava no alto, pairando no céu e sua presença eu sentia, tocando meu pequeno corpo que andava. Parecia um grande muro pouco visível, como o objeto engolido pela escuridão enxergada. O nosso olho não vê, mas a pele avisa que uma coisa ocupa o espaço na sombra.

Eu tenho medo do papai, pois é alguém que pode bater-me até matar ou trazer a comida e a roupa para mim, preocupado com o meu ouvido doente, na proteção destes males do mundo, que eu, menino, não sabia

enxergar e fugir. Deus aparecia aos meus olhos no alto, por sobre as nuvens, mirando todos aqui embaixo. O seu rosto fixo e a barba meio branca não diziam nada, mas nos vigiava e guardava. Assim via eu, Ele, o nosso Criador e de tudo. Ai de quem o desobedece e grita o seu nome em vão, apanha muito no mundo e pulará para sempre na fogueira do inferno maldito. A dor profunda no corpo, eternamente dor.

Papai diz o que Deus deixa ou não fazer. Errar é não escutar sua voz, então pode o chinelo bater ou o inferno chegar. A vara paternal castigava e muito. Tudo deve ser conforme a ordem divina, trazida da igreja, saída pela boca de quem nos guiava e mantinha. O lar a obedecer e se calar. Quem me dá a vida, também pode tirá-la quando quiser. Meu ouvido tem que estar atento, viver para a ordem que vem. Há somente um caminho a seguir, o único possível à vida, fora dele toda a morte da perdição merecida. Deus castiga os homens e os mata, leio isto no Gênesis, como papai pode e necessita fazer comigo, quando distraído e lento, me deixo envolver nas artimanhas maléficas deste mundo em que vivo. O pai nos fez e nos guarda, por isto é que ele nos ama.

## O LUGAR DO PODER

Fiéis não caminham sozinhos. Necessitam de guia a direcioná-los na linha reta a Jesus. Com a multiplicação instantânea dos templos, urgente é educar e formar pastores para apascentar o rebanho que cresce. No espaço e no tempo, que são curtos demais ante as ovelhas nascendo, inventou-se os nomes dos eleitos e cuidou-se como se podia. Ungidos de Deus foram criados e surgidos. Bispos, missionários e poderosíssimos doutores entraram a dirigir as igrejas e as mais novas multidões a nascer, a missão de um outro tempo chegara. Em tão pouco nunca se viu de tanto, no aumento das almas em oferta ao Senhor. Entre eu e o Altíssimo o sacerdote se posta, a rudeza do meu ser, por si só, não alcança sua graça. Necessito de ti, consagrado e santo homem, para ver a Luz que ilumina, e conseguir neste mundo eu andar.

Foi necessário então um saber, a conduzir estas vidas em renasce. No começo, não houve mesmo jeito, bastando eleição arranjada, na unção desta mão que consagra, elevando bem mais próximo de Deus uma nova



trombeta de Cristo. Mas perigoso a todos, é não ter o caminho traçado. O diabo anda mansinho à solta, enganando os desavisados da fé. A Bíblia por si só já não basta, para tantas idéias do céu. Precisamos por isso dizê-la, interpretá-la nos conformes dos santos. Criando nossa lição verdadeira, saída do Espírito Santo do Pai, baixado neste mundo dos homens. Livros e livros, histórias mais histórias, algumas de antes, por mil, recontadas sem fim. No toque do cuidado do ir, em ter que se lembrar a lição, pois o pecado mora do lado, aguardando o descuido cristão. A Literatura e o estudo evangélicos tomam mais posse do mundo pagão. A mensagem grita e avança, persuade, convence e se fixa, Jesus é quem ama você.

Aborda, invade, pressiona e agride. Homens de Deus se plantam em calçadas da rua, a falar do Altíssimo. Vêm sobre mim sem perdão, empurrando a glória do céu. Não tenho escolha nenhuma, a mensagem me cerca e me fala, só estou obrigado a ouvir. Gritantes, repetitivas, ameaçadoras, elas ocupam as rádios, pois não posso escutar o desejo, que preciso atender a Jesus. Televisão e jornais são comprados ou cedidos. Programas sagrados invadem os lares e as mentes, o virtual necessita de Deus. Tudo assim vai girando e prendendo, a minh'alma não pode fugir.

## EU E A LETRA

Descendo a rua da nossa casa, consegui decifrar o primeiro nome, na insistência do soletramento em começo. Senti-me neste dia tomando mais um pouco a posse do mundo. Sim, que felicidade! O estar a fazer o primeiro movimento em direção à palavra. Sorrateiro e silencioso, passei a rastrear as conversas dos adultos, com objetivo de entender por eles, sem despertar suspeitas, algum nome lido e não entendido, achado num canto qualquer, no qual então eu fosse proibido de brincar. A letra denunciava e dizia.

Solitário e manso, aos pouquinhos, comecei a engolir com os olhos todo e qualquer impresso que chegasse ao meu alcance, sem distinção ou maneira de se estar. Como uma prostituta atrativa, a letra me chamava e eu ia. Talvez assim, estivesse em luta ou derrotado. Mas com a certeza de que já lia.

Nosso pai, protestante fiel, não deixava entrar lá em casa, aquilo que não trouxesse a palavra sagrada de

Deus. Na penumbra do meu quarto, conheci o nascimento e a formação da existência do mundo, a façanha dos judeus. Eu lia e relia. José e seus irmãos me fascinavam muito, naquela traição ciumenta. Mas, sem fronteiras do ir, meus olhinhos desejanter tateavam de tudo, o que a igreja proibia. Teimoso e insistente, devorava revistas escondidas, o imaginário então crescia. E diante dos meus pecados, o cinto de Deus, pela mão assustadora do papai, me batia na carne, causando a primeira dor. O olhar do menino jamais poderia saber. Só a Bíblia é o conhecimento do bem. O mundo pagão é a mentira e o erro, que eu não precisava aprender.

## NATUREZA RELIGIOSA

As igrejas vão surgindo como pontas de trepadeira ramada. Brotando, brotam a imensidão ramífica sem fim. Umas saindo das outras, formando aquilo que talvez seja a maior floresta de espécies institucional do homem. As pequenas ervas, miúdas e passageiras, estão presentes, até as mais portentosas e seculares copas. Tem sombra e alimento para todos, bastando qualquer animal, ajustado à sua pequenez ou grandeza, escolher proteção e ficar. Enxertos são misturados pela mão humana, produzindo ramificações estranhas das quais saíram. A botânica religiosa é sempre do tamanho do mundo, na igualdade da nossa vontade. Há frutas frescas para os diferentes gostos e apetites. Nisto, nunca paramos, desde e sempre, de inventar. A minha árvore é maior do que a dos outros e da sua, o céu está mais perto de mim. Seu fruto não é bravo nem tampouco amargo. Coma do meu alimento comigo. O tempo da colheita não vai te esperar.

Glorificando ao Altíssimo igrejas santificam e cultuam objetos, na avidez e no ardor do arrebanho das

almas. A movimentação do material e do espiritual aumenta e beneficia, em conformidade com as necessidades atendidas. Eu preciso de Deus e algum dinheiro. Na energia da fé, rituais são esquecidos ou modificados, outros ressuscitados da antiguidade cristã. Mas o tempo é o tempo presente. O que vale para Deus é o homem, ao pó a carne amanhã voltará. As almas em oferta nos trazem a riqueza opulenta do mundo. Sobejar é agradável ao Senhor. Crescer e aumentar é a força que emana. Os centros de poder dizem e mandam de tudo. A ordem não pode estar desfeita. Obedecer é a grandeza de quem nos ama. E o olho sagrado, lá de cima, nos vigia e vê.

Os nomes do Criador estão usados indiscriminadamente, indiferente se o espaço é adequado ou não. Pontos comerciais de toda natureza levam os vários substantivos sagrados, na finalidade da função de marca e atração ao cliente. Além de, na exposição daquilo que se tem como maior, firmar a posição religiosa e a separação aos demais. Eu sou de Cristo, os outros é que não são, aproxime-se se você também o for. Assim, então, a comercialização aguda do santificado acontece. Qualquer lugar, por mais vil que seja, fonte da exploração e do lucro material, está consagrado ao Senhor. El Shadai, Adonai, escritos na placa ou no belo da luz, daquele luminoso atraente. Também se escreve Jesus, em objetivos de vendas, embora se diga cristão, na

mercadoria que eu compro e uso. A propaganda agora está cheia, da religião e de Deus.

Pequena pausa para indagação. Em nossos dias, os nomes “cristão” e “evangélico” estão em largo e constante uso na boca do povo em geral. Notando-se que, embora estas duas palavras tenham uma carga de sinonímia, numa determinada direção de relação ela, a sinonímia, não acontece. O nome “evangélico”, quando pronunciado, é intimamente e imediatamente relacionado ao nome “cristão”. Já, quando este último é primeiramente mencionado, não mantém ligação direta com o anterior. Qual seja, todo evangélico é cristão, mas nem todo cristão é tido como evangélico. Assim, a indagação que trago é esta: a figura central dos evangelhos é Cristo. E Cristo não está nos evangelhos? O que é evangélico é cristão, mas o que é cristão não é evangélico? Cria-se, a todo instante, no discurso religioso da fala, o princípio da separação superior cúmplice, entre quem separa e aquele que está separado.

## LUTA SECRETA

Sobre o guarda-roupa no quarto, dentro da mala velha, ficavam uns papéis e fotos antigas. Junto, deste amontoado amarelento tesouro de família pobre, um grande livro com encadernação dura atraía e saciava meu desejo incontido de ler. Na capa, a figura de uma mulher sentada no chão e com as mãos carinhosas erguidas, dirigia o olhar mansamente para o céu. Recheado de histórias bíblicas recontadas de maneira fácil, eu lia e relia suas páginas tantas vezes, por pouco ou quase nada ter ao alcance de mim. O Ensino da Palavra, assim era o título do volume, contribuiu, e bastante, para a minha familiaridade e gosto crescente, ao lidar com as letras e frases, na descoberta das idéias e das suas relações e mundos.

Mas eu andava fugindo. A mesmice rebatida e cansada das interpretações sagradas da Bíblia não sensibilizavam o menino e, portanto, não me diziam nada. Causavam sim, na pequena alma já extenuada da rua, apatia e distanciamento fingido. Os quadros ou

figuras das páginas e dos textos possuíam um limite bem marcado, não permitindo ir além. A palavra de Deus tem um fim determinado e não se pode mudar. Isto assim está posto e só deste jeito pode ser. A repetição, aparentemente diferenciada, dos mesmos versículos tornou-se tortura. A palavra deixou de ser a palavra. Ler é descobrir o novo, em nuance de espírito, é deixar-se embalar em outro horizonte visível. É soltura do ser. Porém, eu estava obrigado a escutar e a dizer. Tudo aquilo me matava sozinho, virando uma guerra sangrenta. O eu não se queria dobrar. A mensagem ordenava e prendia. Escondido, eremita, eu pecava.

O maior cuidado era comigo mesmo, pois há coisas que a pessoa não pode consertar depois, como um braço que se perde ou maneira esquecida de alguém pensar. O corpo é que se forma e se vê. A dificuldade da escrita destas linhas é atinente com isto. O menino não deveria saber. A inconcisão e a falha estarão dentro de mim, amedrontando-me, obstruindo meu andar. A cerca lá em casa era bem visível, por onde podia ou não caminhar. O quintal permitido fazia a regra. Criança malvada não entra no céu. Silencioso e firme, o coração transgredia. A idéia é só aquilo que sei, a precaução é a guarda de mim. Deus é alguma coisa que manda?

Educado para viver na ignorância, encontro descomunais obstáculos para desenvolver este texto. A



vontade chega, mas o intelecto não alcança o objeto do desejo. Conceber as idéias e assentá-las no papel é tarefa por demais hercúlea para o meu tão inseguro ser. Devo aproveitar o máximo, como agora o faço, dos poucos momentos de algum pensamento vindouro. Minha vida deve girar em torno disto. A formação religiosa que tive foi para não pensar, bastando tão somente e unicamente a mensagem cristã. Meu pai dizia, a Filosofia não presta, é coisa que não vem de Deus. O ensinamento da igreja tem algo de profundamente pedagógico e este de ortopedia. A dolorosa retidão da régua que nos castiga e conduz. O desvio do corpo não pode existir. A santidade assim é malsã.

## HUMILDADE

Em vida de incertezas e enganos, numerosas coisas pairaram e permanecem duvidosas em mim. Durante tantos anos e décadas, a palavra humildade esteve no meu entendimento compreendida e presentificada com a idéia de paixão, significando o sentir quem se é. Outros instantes ou compreensões, ela era relacionada à pequenez ou estado de pequeno. Há dias, estou tentando desfazer-me de um nó interno, mas sem consegui-lo. Despertado atualmente pela percepção do grande uso, no discurso religioso e familiar, do termo humildade, lembrei-me que, ultimamente o tenho identificado como um estado moral, na idéia da consciência de se saber nossa real posição, a de cada pessoa, perante si e os outros. Remetendo assim a um auto-olhar geográfico. Eu sou desta forma e estou aqui, não mais do que isto.

A humildade circula entre nós. Parte significativa da população simples ou do vulgo em geral, a usa como signo de pequenez e esta, relacionada ou entendida como a natural fragilidade humana diante da potência do

universo e das coisas imediatas. Mais ainda porém, ela é compreendida e utilizada como mensagem de separação e divisão. Pólo de grandeza ou humilhação. O discurso do poder a maquina habilmente, com as falsas tintas das suas verdades. Notar também, que a palavra vulgo, anteriormente povo, gerou o adjetivo vulgar, transmitindo aquilo que não presta ou é ruim. Nós, as gentes, produzimos em vida nosso discurso de identificação, solapado e sufocado continuamente por quem se coloca a fala de todos. Assim, a humildade pode estar e ser um autêntico gesto de grandeza num homem qualquer de rua, ou presentificar-se potencializando o palavreado medíocre de um eterno enganador.

## INTOLERÂNCIA

Leciono, regularmente, para alunos adultos do ensino médio noturno. Por pautar as aulas em assuntos tão vários e, aparentemente distantes da nossa disciplina principal, certa noite, com prazer e dedicação, entramos numa conversa participativa sobre Deus, salvação, Cristianismo, religião e muitos demônios. Tendo alguns embates a beirar o acirramento das posições sagradas de cada um, consegui, usando inesperada destreza vindoura, conduzir instantes de pequenos combates travados, e transformá-los em lição de aprendizagem do coletivo. O homem fala e escuta.

Mas os saberes não estavam resolvidos. Dias depois, em momento de distração e liberdade, fui deixando as vozes acontecerem, no universo da arena que se formou. Religiosos fervorosos, de igrejas diferentes, as visões e testemunhos começaram a se bater. Das bocas saíam as verdades, sem conta de contestação. Os pés e o corpo bem firmes, na fé e apego aos céus, permitiam o combate cego. Houve distanciamento estratégico. Os

golpes podiam ferir. Das bocas saíam espadas, este é o Cristo que trago, na fala que Deus me deu. Eu sou um soldado da luz. As hostes caíram em combate, o inimigo está por perto. No campo minado eu vou resistir. O grupo virou batalhões em refrega. Bandeiras inimigas se debatiam, nas cores e símbolos das santidades dos santos. As trevas eu hei de vencer, na força que me conduz. A glória é o grande reino de nós. Jesus foi o céu preparar. Na afirmação da fé e doutrinas aceitas, as diferenças foram firmando, a Bíblia dizendo verdades. Cada cor do olhar com a sua cor. Ao invés de dizer, todos queriam pregar.

Antes, visivelmente solidários, clarificou-se posições inimigas no sagrado. Pois Deus, cada culto possui o seu, ensinado no templo que o fiel habita. O bezerro de ouro é sempre do outro. A intolerância caminha. Vivemos para viver juntos e a religião nos separa. Ainda não somos irmãos.

## MANHÃ, TARDE E NOITE

Modo de saber o vislumbrado. É preciso contar que as religiões se diferenciam. As formas de interpretar a Palavra de Deus, as desigualdades ou eliminações de gestos rituais e, mais básico que tudo, a noção bem delimitada e vigilante do pecado e da santidade, isto é, do sagrado e do profano, realizam as igrejas com seus vários contornos e nomes. O imaginário assim, aos interesses, reinventa infinitamente o poder.

Com ir relatando as experiências, certos sentimentos sentidos e vistas de alguns horizontes, estas letras não têm a supremacia de retórica, como presentificação última da verdade. De dogmas o mundo transborda. Necessário aqui só dizer, à voz é o quanto se basta.

Paremos. Domesticado para ver estranheza e o mal na igreja dos outros. Também conviver em certa repulsa a quem não orava minha mesma oração. Tardamente acordei. O mundo são pessoas. Nossa casa religiosa

admitia pouquíssimos alheios. Ou mais brincávamos entre irmãos, ou então não havia a liberdade a misturarmos com os peraltas do mundo. Na rua se corria solto, mas em chão do quintal a freqüência restrita. O pecado podia chegar. Criança já nasce suja, diz a Bíblia, pela podridão da Terra. O batismo é que nos lava e limpa. E pezinho manchado não entra no céu.

À tardinha, chegando feliz e cansado do grupo escolar, meu pequeno ouvidinho de criança atenta embalava e dançava, na música caipira que o rádio tocava. O repique das violas e a melodia meio triste chorando um amor mas falando da gente, arrepiava. De vez em quando, uma dupla aparecia na rua, fazendo as toadas do nosso sertão. O cancionero assim bem formava. A tragédia das mortes, da saudade e amor saem das bocas, em forma de hinos louvados. Nossa alma se lembra e se canta. O chão, a poeira, o trabalho e a vida, que o destino do sangue também é viver.

Naquele tempo, a noite ainda sem muita luz era mais visível. Obrigado a cantar os hinos e corinhos do culto na igreja, de vez em quando eu me sentia tão fervoroso em comunhão, entoando baixinho ou relembrando por dentro a melodia da roça. Proibida de nós, tínhamos que guardá-la em segredo. Falava de tudo, da menina que morreu, o amor que não vingou, a ida de alguém ao céu e da tristeza de não chorar. Nossa alma

cantava e cantava. De boca, a música se passa, tocada no coração. Então perpetua o espírito, no gesto que ele faz. Deus não castiga quem ama. Sozinho, memorizava a cantiga, que jamais eu poderia esquecer.



## CRISTIANISMO E SALVAÇÃO

Nosso país é terra religiosa, desde o instante do desembarque dos pés saídos das caravelas, pois Deus já vinha no peito daqueles fortes homens descobridores. Logo, os índios, por desconhecerem e não amarem o Altíssimo, deveriam morrer. Como assim o foi e ainda está sendo feito agora. Que rito de adorar estrelas e luas é gesto por demais grotesco e silvícola para a secular santidade cristã. E isto de religião é e sempre será assim, quem domina e explora impõe sua forma de Deus. Tanto que nestes dias, uma parte bastante significativa do discurso sagrado circulante por aqui, vem dos americanos do norte. A tribo vencedora dita a reza e para quem e onde se deve olhar. O Criador desconhece a derrota e o lado frágil dos perdedores. E corpo caído não alcança a glória.

Todos nós temos algo a dizer. Do céu e do inferno, da perdição e da luz, a que ou a quem se deve cantar e pedir e, muito mais que tudo, o caminho que sabemos é sempre o melhor do mundo, porque totalmente seguro.

Sem passar por ele não se chega ao lá. Você acredita ou morre. Eu alcancei meu lugar.

Como já mencionei, cresci dentro de igreja. Melhor dizendo, no interior de uma religião do ramo denominado protestante. Que na história humana ainda dá os primeiros passos, nos seus novatos quinhentos anos de iniciação. Quando criança, a forma de adorar a Deus, a Bíblia e tudo o mais que gravitasse em torno, ou seja, o Cristianismo, confundia-se com a eternidade da existência do homem na terra. Adão e Eva pecaram, foram expulsos do Paraíso, e todos os demais, nós, até hoje e sempre, ou somos salvos por Cristo, vivendo infinitamente no céu, depois do Juízo Final, ou ficamos condenados à fogueira sem fim, alimentada pelo diabo, que nos deseja muito. Então, o reino da religiosidade funda o mundo, assim assentado no início do Gênesis, e diante da queda só existe para nos salvar. Porém, na demora milenar, pela lentíssima compreensão e desenvolvimento da culpa, o Filho do Homem desce, padece e morre, a ver se acordávamos e sinceramente pedíamos o perdão. Coisa que estamos tentando, no momento vivido.

## MIL CAMINHOS

Raríssimas pregações de pastores conectaram o meu ouvido. Forçado a ouvir muita mesmice enfadonha inútil, tão precocemente me cansei. Fonte de numerosas vozes diferenciadas está a ordem, faça isto e não aquilo, até aqui e nunca mais além. Sabendo sempre de antemão, para não perder a sensibilidade da escuta, que a identificação somente ocorre no toque do momento, por aquilo que embala ou não, nas infinitas direções possíveis, em que se pode ir ou estar. Meu movimento me diz.

A curteza destas frases se dão para não cansar. Mundo afogado por nosso barulho, geralmente de não-dizer. Certos ouvidos nem ouvem mais. Cumprem a desgraça do seu destino na morte. Mas a voz sempre se há de cantar e clamar, na imensidão e calor da fogueira, logo abaixo dos meus sensíveis pés. Por que só me matam e assim?

Tão cheios de doutores e guias a nos dizer direção, não falta a ninguém algum caminho a seguir. No fim, Ele

nos dirá o certo, pena que já estaremos lá, sem tempo de algum remédio, ao desconserto de quem errou, imaginando que se curava. O Juízo Final nos espera sem dó, por aquilo que cometemos. Com muitos a nos falar o venha e testemunhar a verdade, me paro e me penso em qual chamado eu atendo, pois todos são de Jesus.

O mundo entre as pessoas é o da identificação. Quem eu sou? Quem tu és? Aguçado muito mais, hoje em momentos de ápice, no reino da religião, com marcação dos salvos ostentada adiantadamente no uniforme e nos gestos. Caminhando pelas ruas, eu me pergunto quem afinal, naquele último dia, embarcará para a glória. Pois desde e sempre, já assentado está, que muitos serão chamados mas poucos os escolhidos.

Penso em reconhecer e saber. Todos os religiosos estão garantidos no Paraíso futuro? A busca da santidade e a prática do bem são o meio seguro do alcance possível. Jesus foi o céu preparar. Mas se um dia soubéssemos separar o joio do trigo, a solução eternal aconteceria. Os corpos sujos de um lado e os limpos do outro. Como então caminhar? A certeza é a inimiga da minha dúvida.

## LAR CRISTÃO

Eis me aqui o terreno fértil do nosso brotamento e vida. Como antes já pouco pinteí, fui menino, entre tantos outros e outras, em casa muito numerosa e idades fazendo degraus de longa e trabalhosa escada. Construída por um par de humanos que, desde e sempre, nas gerações, realizam a primeira ordem divina soprada aos ouvidos dos homens, frutificai e multiplicai; e enchei a terra.

Em família, ordenados a cantar e a orar, os gestos de adoração nunca fluíam iguais, uns queriam e outros não. Brotos distintos, nossas vidas nascentes apontavam destinos. Cada qual enfim, saindo como Deus o fez. No culto doméstico, corações enganavam, diziam estar, jamais estando. Pois o gostar da rua é que chamava e atraía. Naqueles dias, a prostituição precoce da minha irmã, escondida nos porões famintos de prazer, com as surras que papai lhe dava, assustavam-me por dentro, formando o fechamento de um torturante medo. Desta época, na infância, figuram os meus sonhos mais tenebrosos, não sei se escondem ou dizem. Certamente, neste tempo mental de muitos choques, embrionou-se

secretamente dentro de mim toda a morbidez da psique futura. Mas no grande grupo fraternal, tínhamos cantores e cantoras. E o nosso irmão mais velho, depois de entoar tantos belos hinos em solo, no piso sagrado do templo, matou-se. Ficou assim julgado ao inferno, por toda a santidade do mundo, e por Deus.

As moças namoravam rapazes de fora, ou seja, eles não pertenciam à religião lá de casa. Alguns, em lance de coragem e mais bem querer, chegavam a freqüentar os cultos domingueiros da noite, tentando firmar-se em nosso grupo familiar. Ficavam assim, até perceberem melhor, que bem-vindo era sempre chegar, e terminantemente intolerante sair. Possuir uma irmã de Jesus, significava também levar toda a igreja junto, o peso do mundo cristão. No que nenhum varão pretendente ousou se meter e tentar carregar.

Vendo suas belezas passarem e na vida nada acontecendo, a angústia e um certo desespero foi tomando posse das almas. O tempo não espera ninguém. Pressionadas pela condição de desejar e não ter, gestos foram mudando. No ambiente evangélico não encontravam os pares. O jeito então, inevitavelmente sair. Posto a escolha de amor nunca se dá pelo espaço, mas tão somente a pessoa. Que a natureza de um corpo é a busca daquele outro. Logo, sentindo o inferno chegar, na possibilidade e condição de cada uma, minhas irmãs

adultas foram fugindo. Nenhuma saiu de casa em casamento, o desarranjo da vida não lhes permitiu fazer. Viveram. Formaram muitos lares, depois de um longo tempo de ruptura sentimental e de bastante dor.

Nas modificações do corpo, com o surgimento da puberdade, os olhares de meninos foram enxergando mais. As pernas femininas que já andavam, passaram a ensinar o caminho ao prazer. Fazer então a rotina da adoração ficou mais chato. A não ser em momentos de busca da carne, no interior da igreja, onde os corpos, na fé, encontram a si. As meninas ali queriam. No templo, embalados em hinos, as trocas corriam fortes. As peles que desejavam. O erótico juntinho a Deus. Mas proibidas de descobrir, nossas mãos depois sonhavam. A solidão imaginária de ter era a saída e o possível. No banheiro também se ama.

De dois braços paternos saíam alimento diário para doze bocas famintas. Impossível prosseguir assim. Mais ainda, no crescimento da prole, as exigências de corpo e de alma chegando. A vida não é só comida. Necessário vestir um pouquinho melhor. As moças aparecendo. Tentar atender os reclamos dos meninos mudando. Homens e mulheres saindo, que a natureza não pára de mexer, em movimento sempre. Nosso pai não agüentava de tanto peso de vida. Por isso, o jeito sofrido de ser, na fome tamanha que apareceu, foi cada nariz ir se

mandando à lida, virando o corpo como podia, o estômago e a pobreza não esperam ninguém. Ao trabalho então, que enobrece e cansa, depois na velhice nos premia com a dor.



## PROPAGANDA DO CÉU

Ando pelas ruas, e vejo o quanto a Literatura Evangélica cresceu. A guiar tantas vidas, foi preciso inventar mais receitas e métodos. As vitrines encheram de capas bonitas. Títulos direcionados aos gestos que cabem, me proíbem viver e pecar. Ensinam as normas de Cristo. Autores e autores, resplandecem em obras de saber e adorar. A Palavra aumentou o seu alcance. A letra de Deus para sempre é maior. Tantos olhos surgindo, não se pode deixar desviar. A mensagem alcança e fixa, pela frase do livro que vem.

A mídia salvadora aparece nas lojas e mãos. Jornais e revistas estão ofertados e vendidos. O espaço cristão se mostra e avança. Sobretudo, estampa as ações na seara em preparo, os ganhos de Deus e o lucro dos homens. Fala e retrata, aquilo novo que surge. Ouça, Jesus é que ama você.

Cartazes grandiosos anunciam espetáculos de louvores e bênçãos. Novas vozes, com maneiras de hosanas diferentes, tocam ouvidos. Artistas e bandas

organizam shows ao Altíssimo. Luzes de efeitos transmitem a eterna graça de Deus. A multidão em frenesi lança júbilos coletivos, abissais, para o espaço celeste, nosso Pai nos ouve e nos guarda. Modos de criar, agir e objetos do mundo pagão são cada vez mais arrebatados, oferecidos a Jeová. O que ontem foi satânico, agora abençoado está. O braço sagrado apossa o profano. A Terra plena para honra e glória. Enfim, tudo o que tem fôlego, cante conosco neste palco ao Senhor.

Diante de tantos ouvidos a salvar-se, cultos sonoros afloram. Encarnadas de ordem divina, gargantas ressequidas, ansiantes por falar e dizer, agarram em tempo microfones e fios. A mensagem necessita voar. Alcançar lares e barracos distantes, na busca desse povo de Deus. Locutores e artistas se ajeitam como podem, uma parte do rádio virou cristão. Então, naturalmente, cheias de resgate e poder, vozes propagam as boas novas de Cristo, cantam e oram, anunciando do céu com certeza que virá.

A imagem na sala vende produtos, me oferece Jesus. Luzes coloridas operam milagres, salvando ao que perdido está. Levanta tua mão e ora. A igreja do Senhor vira milhões, o milagre dos pães acontece. Assim, adorar ficou mais fácil, o santuário sagrado multiplicou-se, no rito doméstico de cada lar, a onipresença divina. Ao mexer no controle eu escolho meu culto, o coração

agradece. Pois consumir agora, o que um dia virá, é o prêmio seguro ao homem, daquele que aceitou a cruz. O rosto do Criador invade as casas, na obra e espetáculo de Cristo. Para chamar e pescar as vidas, o show se inflama de fé. Entrega tudo o que tens e segue-me, o mais Ele tudo fará. Gestos novos e olhares explodem, em festa deste povo cordeiro. Nós queremos servir e cantar, ó Pai que nos ouve daqui.

## PEQUENO PENSAMENTO TEOLÓGICO-POLÍTICO

Repensando o Gênesis, a queda do homem ao mal e a explicação teológica do livre-arbítrio, imagino se não poderá haver outros mais infernos ou só este nos basta. Já que está tão comprovado, em mesmo ninguém ter lá ido e voltado, pois ao futuro o céu pertence, a existência de anjos com poderes de inventar outros reinos.

O céu ainda não deve ser encontrado.  
Pois isto acabaria com toda a graça existente.

## CULPA E DESESPERO

Encontrar um ponto preciso da minha fala, eis aqui o meu grande problema. Mas isto já é o de qualquer humano. Em tudo o que tentei comunicar até agora, houve algumas coisas, pelo menos algumas, saídas ou fugidas bem de dentro. O que não as torna mais que as outras. Vivemos perenemente com a nossa própria tragédia religiosa. Saber e não ter. Nascer talvez seja condenação tanto quanto morrer. Adão não era do Paraíso. Contar é o que mais me causa medo. A vontade de dizer, e conseguir momentos de alívio por derramar o contido, habita todo coração que bate. O desejo é sempre maior que a contenção. Nascer e morrer se parecem muito. Noto, que a velhice, a aproximação da morte ou um risco de sucumbir iminente, fez e faz, tantas pessoas, que antes zombavam e riam, passarem a praticar, em comunhão fervorosa, a religião que repeliavam.

Pagarei, e muito, sobre o errado e pecaminoso de até agora. Setenta vezes sete. Jamais alcançar o perdão.

Sofrer a fundo, não deixar grão de sujo para trás. Pratiquei o mal, portanto, tenho que estar marcado antes por mim mesmo. Sem chance. A vida seja cruel por aquilo igual ao que mereço, na soma de tudo. Nada deixar. Sentir dor intensa e a mais da torturante. Fui e sou o maldito de mim mesmo, fazendo o não permitido, que a natureza e vida de bem repugna e desconhece. Deus haverá de castigar, peço isto a Ele, de coração, com toda a minha vida. Condenar-me a sentir o solene e acertado merecimento pelo tempo. Criatura imunda, resoluta na perdição deste mundo. Afogada nos prazeres solitários da desdita desta suja carne. Repito, setenta vezes sete, nunca menos, por cada gozo desordenado em desejo. Mão do Senhor, sem misericórdia, pese pesada sobre mim. Não posso morrer sem chorar.

O diferente pressentimento veio surgindo. Nunca poderei saber quando começou. A certeza de que deveria mexer-me, fazer um gesto de total mudança, tomou o meu corpo como segunda alma. Eu teria que deixar de ser o que era. Todo o eu dava este sinal interno, peremptório e ininterrupto, sem folga. Sinceramente, uma parte importantíssima de mim não vivera ainda e gritava por vir. Mas lento, inseguro e com tão pouca audição, o ouvido de ver não atendia. A voz implorava.

Meu sonho nascera comigo. Em noite sem imagens vagando e sentimentos de espírito, a manhã me acordou

doente. Algo grudara em mim ou germinara invisível lá dentro, que jamais, naquele dia infernal, eu saberia a peçonha carregada no ser. Vida tediosa e sem rumo, com raros instantes leves de possível gozar, o corpo tocava o final da juventude perdida. Nada dizia ou chamava além. Antes houvera potentes querereres, mortos e destruídos sob a massa e o peso dos dias. Não havia aonde ir. Pontos de angústia apareciam na pele. Atordoado, silenciosamente louco, a mão vagarosa tateava um remédio. Por que acontecera aquilo é a pergunta que vem. Mas ela já nasce conosco, aguarda latente o momento de vir. Tentei começar esquecer, nisto a coisa aumentava. Os contrários se entrealimentam. A fonte da morbidez sempre se aloja mais fundo. Andares de desespero e luta feroz interna, no campo escuro chamado eu. Raio nenhum clareava. A causa, por ser tão secreta, nunca existiu. O verdadeiro absurdo que vem. Sendo a dor, justamente o não conseguir aceitar, como uma planta que nunca cabe naquele parasita que tem. O desajuste primevo, a fonte dele. Carga eterna de brotamento, desde o nosso pai, qualquer que seja ele.

**A BENGALA SAGRADA**  
**(OU A LETRA DOS HOMENS)**

Ponto central. Encontrado por uma religiosa na vaguidão da rotina, depois de algum cumprimento e poucas palavras iniciais, a irmã de Cristo começou sem delongas a pregação da sua fé. O jeito manso e de certa maneira doce, permitiu-me que a deixasse falar. A Bíblia na mão, ostentada, possuía a função de poderosa e necessária bengala, sem a qual, não só ela, muitos hoje não andariam, em dias de intensa fragilidade humana. Após deixá-la dar vazão a um pouco da missão salvadora, perguntei-lhe, educado e pausadamente, qual é o texto áureo<sup>1</sup> da Palavra de Deus. Mais do que a falta da resposta, percebi que não houve, por parte do ouvido consultado, nenhum sinal de escuta, parecendo eu não ter feito nada. Com leveza e enorme paciência, tornei a indagá-la, explicando o significado da palavra áureo, no sentido de maior. Ou seja, detalhei, o versículo de capital importância nos Evangelhos, por tudo, em sentido

<sup>1</sup>Nota do autor: o texto áureo referido é João 3.16.



cristão, girar ao seu redor. Mas mesmo assim, a senhora continuou surda, tergiversando sem ao menos me ouvir. Eu insistia e ela fugia. Até chegarmos ao momento final, não houve grande tempo. Deste modo, aprendi, naqueles toques de verificação, que aquela garganta humilde e não ostentadora de intolerância, tão pouco sabia daquilo que lia e mencionava, julgando, inocente, entender e dominar.

Trabalho em escola prisional. Por dias de necessidade e afinco, lecionei, sem muita instrução e pouca segurança de avançar, para turma adulta de alunos com quase nada de leitura ou escrita. Na sala, navegávamos aos momentos pelo nosso analfabetismo mais pleno. Exigindo de mim e muito deles, altas doses de paciência e repetição. Às vezes um passo escapulido certo saía. Depois de soletrar, a conversa ainda andava. E pego de surpresa eu não soube responder. Minha ignorância ficou e corro a escrevê-la agora. Na religiosidade expandida, esta chega até nas cadeiras escolares, afinal, também somos filhos de Deus. E lá, mão cristã, ressentida pelo empaco duro e mordaz na soletração de vogal em aula, mostrou-me, na Bíblia, o versículo aprendido na igreja e lido, ele sabia ver. Então, o pupilo perguntou no tiro, apontando o texto marcado, qual é a interpretação do professor. Mas lento, minha boca não foi capaz de falar. O que, sem espera e alta soberania, o inquiridor esclareceu a palavra.

Sentado no sofá, em momento de oração, penso na queda de Lúcifer com toda a legião aos infernos, e me indago sobre a gênese do mal. Por que Deus, todo poderoso, permitiu aquilo, conseqüentemente dando nesta nossa desgraça eterna no mundo. Onde e por que começou o sofrimento. Ele não é perfeito? Pesquiso em saberes teológicos e santos e deparo com o mistério sagrado. O Altíssimo, com toda a sua onipresença conhecida, possui um ponto inevitavelmente obscuro. Conhecer a origem de uma parte do que somos nos está vedada. Filhos então perpétuos do bem e do mal. Carço insolúvel no corpo, desde que eu nasci.

Pela graça dos homens, em tempos de analfabetismo tão pleno nesta República, os intérpretes de Deus aparecem mais. A palavra divina necessita da terrena. A simplicidade do texto sagrado, não pode ser assim acessível facilmente à nossa curteza de olhar, alardeiam os doutores. Portanto, alguém deve sempre dizer o que leio. Os olhares meus, não são aptos a iluminar juntinho ao rosto, que dirá a imensidão da vida. Aí a desigualdade santificada acontece, imposta por quem interessa guiar. Enganado pela minha própria letra eu penso que leio. Não fui destinado a pensar. Aos poucos, desde criancinha, o significado da mensagem me foi sutilmente injetado no corpo. Ouvir a voz do Criador é direito e privilégio de poucos. Entender sozinho o texto, pecado capital. A soltura pode desviar. Não sei por que o

Senhor coloca tanto poderoso entre eu e Ele, se nós, todos sem exceção e desde sempre, viemos dEle, saindo do mesmo pó ao qual retornaremos.

## TERRA PROMETIDA E OUTRAS TERRAS

Deus cheio de ordens, dizem os santos daqui. Ele é o Ser supremo que nos olha lá de cima, além, muito além desta natureza toda rodeante e da vontade capaz, que julgamos sempre possuir. À imagem e semelhança criados, nos tempos, paulatinamente, virando espécie de marionetes. Tudo está determinado, só restando obedecer. A face potente figura dentro e fora de mim, sem espaço de folga. A mão nos vigia e vê. O céu da minha boca não pode dizê-lo à liberdade em vão. Educado ao curvamento diante dele, pelos homens da sua voz, o coração deve se calar. Pronunciando não a latência, mas ao que permitido está. Em cansaço dos dias eu me vou escrevendo, almejando uma brecha de ir. As igrejas gritam e cercam. Acuado, perdido, pulso viver, contemplar.

Em nação de tão desiguais, que o alimento do dia, para sustentar o corpo frágil da carne, não chega e não possui a estômagos vazios cheios de ar. Se alcançar o gozo eterno, soa qual riso gigante de escárnio ou de

pensar o carro na frente dos bois. A pátria santa prometida, de natureza pródiga celestial ofertada, foi tornada posse da avareza de alguns, sobejando ao grande restante o paraíso perdido. Reforçadas por certas religiosidades, as distâncias cada vez mais acontecem. De mãos dadas, o teológico e o político caminham. Eleitos na terra, fogosos estão no céu. Crescer e multiplicar é a fome que vem, da infinitude faminta. Deus talvez não esteja conosco. Jejuar e orar já fazemos dobrados por força da vida, na imensidão de trabalhar e não ver. Mudar, milagre que nunca tem. Somente a esperança espera.

Minha pergunta não é por que a intolerância existe, mas por que o seu brotamento e vida surge tamanho vigoroso nas searas religiosas. Em como as atrocidades, visíveis ou invisíveis, têm desmesurado ímpeto, nos espaços santificados pelo homem. A fé de Canudos tornou a luta maior, na busca da sempre negada terra. Tinham que morrer e todos nem ao inferno morar, pois roubavam os tributos de César e de Deus. Não deveriam portanto existir, nesta dupla negação de tudo. Sem pena ou com o aumento dela, as criancinhas também pagaram, já sementes dos filhos do mal, para o bem que aqui está. No desespero do ver e nunca ter, fundaram o paraíso perdido. Este foi o pecado feito. Visto a mão de Deus andar em conformidade com os poderes, desde os nossos tempos romanos.

## DE DEUS

O surgimento e a formação da idéia de Deus deu-se desta maneira. Pequeno ainda, o nome do Altíssimo habitava meu pensamento sem nenhum significado específico. Escutava-o somente e pronto, não o relacionando a qualquer objeto ou imagem. No crescimento natural e na vivência, comuns a uma criança do povo, o rosto gigante de homem barbudo passou a aparecer no alto, a que chamamos normalmente de céu. Isto, quando a face ou o sentimento do Altíssimo necessitavam estar dentro de mim. Com a expansão da vida e o domínio maior do espaço ao redor acontecendo, as noções do certo e do errado, aos poucos ligadas ao pecado e à santidade, mais o castigo e junto com ele o medo, tomaram a forma segura e perene, no corpo da minha infância. Nestes dias assim descritos, o poder do Criador surgiu e aumentou desmesuradamente. Qualquer canto escuro, por mais secreto lugar, Ele me vigiava. Havia tentativas de separação entre o espírito e a carne, mas logo trocados um pelo outro, ao sabor do alcance desejado. Quando o “Deus castiga” não suspendia e

mudava a ação incorreta, o “papai vai me bater” aparecia de imediato. Tudo se resolvia no caminho do bem, ou o peso do proibido feito incomodava, apagado depois no turbilhão da vida.

Menino do interior, esquecido da luz e dos cultos da igreja, mirava o céu na escuridão da noite. Milhares de pontos pulsantes prendiam meu olhar, na fuga do infinito além. A negritude abissal dominava. O imaginário crescia, tentando entender aquilo. Nós estamos aqui e quem está lá? Uma sensação do belo, misturada à grandeza sem fim, dava ligeiro tremor com o prazer da insegurança em sentir. Mergulhado num cosmo sem resposta, a nostalgia humana nascia no corpo. Fechado no instante, desejando ver, o ouvido não escutava. Incomodado por aquele silêncio, a alma pequena retornava sem fôlego. Outro transporte, também divinal, acontecia na música. De Cristo ou do mundo, algumas reviram por dentro. Viajante no eu o ser se procura, qual descida profunda em água estrangeira, nunca se tem areia de fundo, algo que apóie. Mas a busca continua a viver.

Encontrar a imagem demora. Tento escrever de Deus e não consigo Te achar. A frase dificulta sair. Louvamos mais a vida do que o adoramos. Mostrado em tantas faces, Ele atende às vontades dos homens. Todos lhe dizem melhor, cada qual na sua verdade. Durante algum tempo, utilizei-me somente do nome, com mais ou

menos ardor, de conformidade com a paisagem em interesse visado. Não sei às vezes, se Deus serve ou é servido. Há dúvidas e brigas seculares, em torno de quem realmente é o centro de tudo. Eterno tira-e-põe da disputa humana. O aparato vestimental da autoridade santa, mais a propaganda pomposa do teólogo poderoso desconcertam a vida. O Olimpo continua aqui. Habitado em vários corpos, o Senhor vive ou sucumbe, ao sabor de quem o traz, de quem o leva. Mesmo com o céu inteirinho à frente, eternamente aguardando, ainda sempre estamos aqui, na terra. Com o dia do Juízo Final que nunca chega. A espera, esperando.

Depois aprendi que nunca deveria desonrá-lo, de que maneira fosse, dedicando toda a existência da minha frágil vida, a cantar e bem dizer continuamente por tudo que Ele é e faz. Qualquer molestar pequeno deste passageiro corpo pode atingi-lo, na potência infinita, alterando algum merecimento a mim. Então, agradar e agradar é o cuidado melhor de si. A graça de pensá-lo e tê-lo conosco, nos dá forças descomuns para enfrentarmos o mal e as desgraças desta vida. Que o Altíssimo sempre esteja, não abandone seu povo fiel. Os infortúnios poderão prostrar-me ao solo caído, as duras provas do mundo testar-me todo o tempo, mas eu busco o Senhor e nEle me posso achar. Os ataques do gênio inimigo, com o inferno do seu furor, não abalarão o coração convertido. Em comunhão e na fé, necessito de



Ti ó Pai, a iluminar os meus olhos, no momento impreciso do erro.

Onde está Deus? Primeiro, a idéia de que Ele mora no céu. Mais tarde, aprendi a explicação de que o Espírito Santo baixou e existe em nós, entendido os convertidos. Ficando também claro, que a onipresença, além de outros tantos infinitos atributos, o permite estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Depois, alguém expôs numa lição, que para o Senhor habitar dentro de mim, meu coração tem que dizer o sim, senão Ele não entra. Mas naqueles tempos criança, as idas aos cultos, nas manhãs e noites rotineiras dos domingos, ainda era só uma atividade a mais. Até finalmente perceber, que a igreja é o santo templo, a Casa de Jeová, e lá o adoramos, por isso jamais pode ser profanada. Com grandezas de janelas e portas, mais paredes firmes apoiadas no alicerce seguro inabalável, o alto teto protetor nos recebia sempre. Abrigo eterno de quem lhe busca, o Criador possui seus lugares. E logo, o Espírito estava ali.

Invocado e desejado nas pronúncias do momento, está em todas as bocas. Qualquer uma chama, murmura, lamenta, mas quando precisa suplica, pede, implora ou simplesmente agradece. Longe e perto Ele está dentro. Habita o céu das gargantas sofridas, o silêncio total das cordas sonoras, eternamente sem barulho. Seu nome nunca é dito em vão, mesmo na perdição da renúncia. Do

fundo da desgraça de qualquer tragédia, até na mudez árida do pulmão empedrado, ainda há de se ouvir. O tempo da fala é a sua morada, atributo ofertado de nós. Qualquer anônimo, sem eira nem beira, pode bem assim gritá-lo, tal qual mais potente santo. A natureza nos iguala aqui. Presente na luz musical da melodia cantada, e nos lábios simples e fedorentos de rosto sujo da rua, em diversidade nas línguas da língua, o som é o mesmo que diz.

Presença sem imagens em meus dias, o nome e a existência do Criador aparecem, de acordo com a necessidade e os esmagamentos doídos. Pertinente e superior é quem nunca vamos cessar de chamar, infinitamente por não haver a nossa mesma voz de resposta. Alguém hoje ouve a fala direta? Vinda da boca de Deus? Como um homem escutando de outro homem? Nisto, somente o imaginário caminha. Aprendido, desde a meninice, que Papai do Céu é o Ser mais poderoso, inventor e regedor de tudo do mundo. Nas descobertas da beleza, como diante de um rio, por exemplo, eu tinha a forte sensação de sempre encontrá-lo e senti-lo ali, descomunal ou pequeno, olhando a gostosura de uma flor. A natureza fazia-o para mim, e assim.

Apresentado de tantas maneiras e com mil faces de rosto, a idéia básica de infinita superioridade e poder nunca foi abalada por estas vozes gritantes. Somente há

momentos de conclusão ou parecer, da existência de um politeísmo conjugado ao monoteísmo ocidental. Do Único, fazemos os vários necessários às formas da fala. Ele atende a tudo e a todos. Leitor relaxado de certas filosofias, descobri, com muito retardo, o dilema do homem diante das noções de singularidade e diversidade do Um, como Único, sem a existência dos outros. Então, não resolvemos ainda o nosso plural, nem a felicidade se subordina a isto. Nos tempos que correm, os atuais, humanizamos cada vez mais Deus, baixando-o ao mundo dos interesses da vida. Frases de efeito cristão cobrem, constantemente, a paisagem dos olhos, na propaganda do dia. Tratado mercadoria, corre de mão em mão, às vezes gerando dinheiro, a grande bênção esperada.

## RELIGIÃO E REVOLTA

Desvio de intenção. Um dos gestos desta pequena narrativa, está ligado ao impulso incomum realizado pela religião, nestas últimas quatro décadas do século XX e ainda em momentos de expansão, nos primeiros anos do novo milênio. Estou fazendo alusão ao país em que vivo e nasci. Relacionado à vida e sendo também ela própria, o sentimento religioso é um dos bastante enraizados na alma humana, desde a tribo, tendo como grande particularidade ser o campo de descomunais batalhas. Lugar da morte e da ressurreição, porque espaço do assassinato e da dor. Ou seja, massacre do interior por aquilo que está fora. Mais que externamente, estou dizendo o dentro, as vísceras do corpo, a alma e o espírito. A busca da eternidade, neste mundo ou fora dele, é o objetivo dos homens, pelo menos dos ditos sensatos, e até dos profundamente revoltosos, como os célebres assassinos de Deus<sup>2</sup>. Por que fomos colocados aqui para sofrer é a pergunta que sempre se põe. Umbilicalmente

<sup>2</sup>Nota do autor: Nisto, estou pensando em Nietzsche, Ivan Karamazov e alguns homens do povo.

ligada a ela está a não-resignação. Lembrando, que a mansidão cordeira do religioso fervoroso está inserida na negação deste mundo, por isto outra face da revolta.

A expansão e o aprofundamento do sentimento religioso, vieram e estão juntos a um aumento e intensificação da violência. Cada vez mais, armas estão matando, nas casas e nas ruas. Claro, sendo isto, os instantes das mortes, o gesto final do último ato da nossa tragédia, que teimamos tanto repetir ou porque gostamos. Em efeito lógico, a dor e a aproximação do fim nos fazem buscar a vida. E a crença e a fé, são o que tenho de bem próximo e imediato ao meu alcance. O espírito inventa e faz. Melhor, muda de posição e estado. Se o mundo que respiro, no instante do dia, não satisfaz ou quer me destruir, então devo buscar algum outro. Céu e futuro representam a negação total destes tempos daqui. E o Apocalipse, como texto literário sagrado, ritual de passagem obrigatória, na determinação da mudança final. Necessitamos da letra a nos lembrar. Notar, que a adoração, a multiplicação dos cultos a Deus e dos templos, não estão significando o aplacamento do ímpeto hostil, mas produzindo ilhamentos e desdobramentos das significações cristãs, às vezes acompanhadas de algum ódio subjacente. Então, a verdadeira conversão, como revolução espiritual, não acontece muito, como se acredita ver.

Nossos infernos são escondidos e não destruídos. Com a escravidão negra e a eliminação dos índios os mais longos, dentre tantos outros, somado o hoje e o que está por vir. Fingir não existir o acontecimento é a grande trama de nós, sem verdade e coragem para enfrentá-lo. A estrutura republicana como maquinadora. Desgraças veladas, o céu, falso céu, notoriamente se coloca visível. Chamados filhos de Deus, dúvidas atrozes deslocam a certeza da paternidade. Não sabemos até agora o que somos. A irmandade, representação clássica da cordialidade e comunhão entre irmãos, pouco ou nada acontece. Perpetuamos algum Leviatã invisível. A grei religiosa existe, somente e quando, anterior a ela há corações predispostos e realizadores. Doutrinas e ritos mecânicos não salvam o homem, daquilo que necessitamos evitar. As vontades latentes, em ilhas de pessoas desejanter, dobram-se vencidas, diante da força do mal imposto. Milhares de crianças indefesas morrem, e nunca sabem da vida. Certamente o Altíssimo não esteja de todo aqui, se isto seja possível.

Estados delirantes povoam a vida. Alguns, alcançam manifestações pulsantes declaradamente mórbidas. Certamente um grito se põe, no lamento de que algo está caindo para o inferno e precisamos saber e parar. Certos corações, não poucos, esmagados por tudo ao redor perdem o tino do ir. Qualquer coisa se basta ao agarro da mão, no turbilhão dos sem referência.

Desespero e ação os empurra, na busca do encontrar. Da natureza, o corpo herda sempre procurar outro corpo, do filho, do irmão, da mulher, no abraço que se dá. A fraternidade, religiosa ou não, é isto. Tão longe do ser desejado ou do ter, universos dissabores são criados, afinal, ainda estou vivo. O único e último suspiro que tenho é a certeza de um mundo melhor, não este que se perdeu por eu não me achar. A esperança é a última que morre, às vezes muito antes de mim. Esta é a verdadeira desgraça. O apego a um derradeiro nome, descoberto depois sem sentido. Estou porém no reino da razão, o que tento dizer é maior.

## A COMUNHÃO

Criança brinca descalça e sozinha. Mas cresce seu corpo e a vida em grupos formados, nas brincadeiras e fugas do rir, do gozar, do esconder e brigar. As coisas vão ficando melhor, junto, no entendimento natural, a partir do diálogo. Pois alcançar o que se quer, o desejado querido, é mais, muito mais prazeroso, pelo alegre em conjunto, no encontro dos rostos. Sentir saudade e a falta do companheiro do dia, brota bem cedo na gente. É a importância da existência do outro amiguinho, sem o qual, não descobrimos nem construímos a felicidade no mundo. Os desencaixes imaginários surgem e são aceitos de graça, na imensidão do ver e possuir. Os caminhos-folguedos inventados a esmo. Tão primeiro do que o fim, somente interessa o ir, no conluio do lá chegar. A validade diferenciada ainda não nasceu. Os gestos, iguais em valor, estão na fluência pura do ser. A multidão e o plural é o que importa. O futuro aprisionante não sentenciou destinos. Corações batendo no peito, pés e mãos se mexem a fundo, sem medo de se perder e sonhar.



Ir à igreja significa antes o grupo. Adorar em vozes, muitas vozes, reforça sobremaneira a fé de alcançar. Aviva, repentinamente, o que estava perdido em mim, a vontade eterna de vida. Ao ver e ouvir a boca do irmão cantando, o coração também se levanta. Mão amiga me convida e puxa, venha comigo louvar ao Senhor. Reconforta o teu seio na graça, o Criador possui um lugar para os seus. O ajuntamento das vozes, em notas de amor, atinge bem alto o céu, na ligação fraterna do espírito. Onde houver dois ou três em meu nome, também Eu ali estarei. Cantados, os hinos são profundamente mais belos, na irmandade descomunal das gargantas uníssonas. Mil vozes deleitam e produzem gozar. Este fazer divinal é o que nos salva aqui. Aumentar a multidão dos fiéis ao embalo de Cristo, alimenta a Chama do Fogo Sagrado, as almas são a substância de tudo. A carne ao chão voltará.

Houve momentos de briga interna lá em casa, suplantados por nossos esforços de fraternidade e apego. Influenciados e contaminados pelos valores externos e alienígenas, os fogos da unidade consangüínea se debatiam ferozes. Passadas as violentas tempestades, nos compreendíamos enfim. Mas os traumas perduravam, como a nos tentar dizer que o inferno não se repetisse depois. Os ouvidos deveriam andar atentos. Saber e estar junto daquilo que o outro é e faz, na irmandade natural de uma relação. Bem além do que a representação

matemática simples de um plural, família significa estrutura sentimental. O entre-quatro-paredes do grupo, com as cumplicidades e segredos de si mais plenos, até os sofrimentos de dor dos seus desarranjos. Como também os trabalhos das vidas, sob o teto de todos, de que um dia o dia será melhor. O broto endógeno e o entrelaçamento parental, apesar dos tempos, ainda vicejam. A linguagem e o ver meus irmãos, senti-los comigo, no aconchego de dois adultos protetores, fez o corpo criança crescer, a alma sair e ficar. O nós é a matriz de cada um, vale a pena aqui refletir e lembrar.

Louvar ao Senhor enquanto é tempo. Sentimento de ir nem sempre se dá. Ora o cansaço enfraquece, ora o fazer a mesma coisa repetitiva e sem calor não convida. Porém, devo confessar, às vezes a vontade nunca vem. Mesmo no banco do templo, sentado com meus irmãos, o fogo do prazer, até que fosse um pouquinho, não acontece. Falta excitação. A hora do desejo talvez seja outra. Simples obrigação religiosa a cumprir, o espírito em momentos no culto falseia, mostrando fervor a brilhar, mas tão longe passeando. Este modo de desencontro entristece, qual gesto dispendioso e perdido por antecipação. A maquiagem forçada da vida. Deveríamos ir por alegria e gozo, como o salmista, no explodir do regozijo. Adorar é entrega com amor, e não insossa função a pagar. Inesperados dias o coração se inflama de fé. Diante das desgraças e lidas da vida, a alma busca o

Senhor e o enaltece. Sozinho no quarto ou no júbilo da multidão em frenesi, meu peito também estremece e canta. A força que emana chegou.

Unidas por comunhão, as vidas são tornadas fontes de riquezas materiais e sustentação de poderes, com territórios ou quintais bem marcados e disputadíssimos. As ofertas produzem os milagres da transformação da realidade visível. Guiados por quem de direito divino, os fiéis vão sendo chamados a doar. Rico não entra no reino dos céus. Capitais em dinheiro engordam e saciam. Necessitamos viver e orar. A palavra diz, cada vez mais, a verdade que transmite, naquilo que magistralmente esconde. A fala é a nossa face primeira. Então, esta fonte primordial de forças, a própria energia, em nossa infinitude passageira neste mundo, está constantemente canalizada e trabalhada, não para aquilo que a alimenta e se confunde com ela, mas para criar, manter e aumentar o paraíso presente de alguns, os santos eternos deste tempo, qualquer tempo. Sabedores ainda, que a multidão de corações em existência perpétua, sempre se brotará, na sede de um instante melhor.

## ÚLTIMO RETORNO

Na igreja os hinos corriam soltos, escolhidos pelos olhos de quem dirigia os trabalhos de Deus. Miúdo, as sintonias que diziam sofrer, mergulhavam minh'alma embalada em solidões melancólicas, viajando num caminho meio escuro, esmagado e tolhido por lembranças da vida, que lá dilaceravam um menino indefeso. Teimoso e persistente eu insistia naquilo. Certamente tentando descobrir. Alguma coisa poderia dizer. Então encontrar um fim que explicasse tudo. A dor aparecia na vida, em varadas no corpo pelo escolhido mal feito, ou incomodado à noite com espinho no pé, da direção enganosa que o instante me deu. Os dias começavam a misturar. Bem vividos alguns, noutros as horas eram torturantes passar. O choro aparecia por vez, reclamando do mundo. O horizonte deveria ser melhor.

Quase ponto final. Há linhas estou tentando escrever do fim, que todos esperam. Um grito ressoa nas bocas, em desejo de que o tal mundo se acabe. Salvo somente os salvos. O restante a aquilo que mereceu. Estes

pés caminham no sofrimento do chão, mas os olhos estão no céu. Ele chegará? Impregnados da graça, respondem, suas vozes alardeiam. Não importa o agora, e sim o que está por vir. Liberte-se a ti, amanhã pode ser muito tarde. E as desgraças aprofundam os infernos dos dias. Tudo vira a prova, pela qual eu terei que passar. Ou então não alcançarei. Os livros são de auto-ajuda. Obrigado a um destino a seguir, a verdade ao futuro dirá. Dentro e fora do templo, a multidão quer viver, de preferência sem conta. A dor desespera a busca. Eis que as horas estão passando. Isto aqui não deve ser o eterno. O momento já está por marcado, na criação infinita do tempo, diz a espreita do coração que bate.

## POSFÁCIO

Quando perguntado por alguém qual religião seguir, respondo que deve-se estar aonde nos sentirmos bem, então pelo menos melhor. E como os dias não são iguais, os desejos e interesses mudam, por causalidade interna ou externa. Trocar de tipo de altar e relação com o sagrado é liberdade e escolha de cada um. O sujeito adora como puder e quer, na verdade daquilo que vê. O divino é algo superior, não manipulável por estas humanas mãos. Ele pode acontecer dentro e fora do templo, mas só aparece e se realiza no gesto sensível do coração nobre, indiferente ao estado social do corpo e da vida. As separações mantidas por nós estão muito inferiores. Às nossas almas caberiam outros viveres.

Ponto da nervura mórbida em redizer. Neste novo tempo de renascimento e expansão religiosa, veio e está junto com ele um estado social violento, cada vez pior. Formas de matar são inventadas, nas artimanhas do fim. O poder e a quantidade das armas mortíferas tornou-se normal. O medo sinaliza como balizador das ações mais

simples do cotidiano. Pontos da cidade viraram guerra. Horários e movimentos das pessoas nas ruas, estão conjugados ao maior ou menor risco de ir e de vir. O barulho do tiro habita o silêncio da espera sutil. Já temos medo até de ouvir. Os refúgios da segurança ocupam as mentes, precisamos viver e nos guardar. Nosso espírito está inquieto e revoltado, diante da desesperança conseqüente da superficialidade enganadora. Produzimos o que nos maltrata, sem desejo qualquer de saída. Assim, talvez o grande problema do inferno seja somente a sua própria infinitude.

Rio de Janeiro, Ano 2007 d.C.

O objetivo desta pequena crônica é mostrar a busca da redenção pelas pessoas de uma cidade. E em como ao se tentar garantir ou buscar o céu, podemos produzir coisas bem diferentes. Porém, mais ainda, e esta não é a primeira vez, diante do nosso grande medo, ignorância, sentimento de culpa e desespero, ficamos profundamente à mercê de sermos enganados por falsos religiosos. Ou seja, aqueles que dizem e se colocam que nos transmitem a mensagem divina, embora tenham por fim não a obediência do crente a Deus, mas tão somente a eles mesmos.